



Lugar e corpo na escrita de Elizabeth Bishop: história, gênero e arquitetura

***Lugar y cuerpo en la escritura de Elizabeth
Bishop: historia, género y arquitectura***

***Place and body in Elizabeth Bishop's writing:
history, gender and architecture***

Helio Herbst

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Brasil
helioherbst@ufrj.br*

Resumo

O presente artigo investiga a importância do lugar e do corpo na narrativa autobiográfica de Elizabeth Bishop (1911-1979). A seleção dos textos evoca os anos de relacionamento com Maria Carlota [Lota] de Macedo Soares (1951-1967), sem necessariamente seguir uma ordem cronológica. Em tal premissa, reflexões acerca de história, gênero e arquitetura são entendidas como aportes à afirmação de uma existência criativa, atenta aos impasses e potencialidades de seu tempo. A análise dos extratos, entre cartas, prosa e poesia, fundamenta-se em enunciações de Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Em Nietzsche se examina a contribuição dos sentidos corporais para o exercício do pensar, subvertendo a tradição idealista que concede a um pretense substrato imaterial, por vezes denominado razão, a capacidade de refletir sobre o essencial. Nietzsche sustenta, neste raciocínio, a possibilidade da subjetividade carnal propor uma universalidade do absolutamente singular, de nenhum modo gerada por abstrações e nem tampouco concebida por um sujeito puro e desencarnado, tal como postulado pelo dualismo moderno. Em Benjamin, a proposta de aproximação entre o singular e o universal adquire relevância para se observar de que maneira os fenômenos, agrupados em unidades significativas, podem iluminar a experiência. Por fim, a análise dos extratos textuais leva em consideração o papel da rememoração como um imperativo necessário à articulação entre passado e futuro, tornando possível um 'conhecer' perspectivo, análogo a um mosaico de recordações, dispersas entre traços aparentemente inofensivos, tal como assinala Marc Augé.

Palavras-Chave: Elizabeth Bishop. Brasil. História. Gênero. Arquitetura.

Resumen

Este artículo investiga la importancia del lugar y el cuerpo en la narrativa autobiográfica de Elizabeth Bishop (1911-1979). La selección de textos evoca los años de relación con María Carlota [Lota] de Macedo Soares (1951-1967), sin seguir necesariamente un orden cronológico. En esta premisa, las reflexiones sobre historia, género y arquitectura se entienden como aportes a la afirmación de una existencia creadora, atenta a los impasses y potencialidades de su tiempo. El análisis de extractos, incluyendo cartas, prosa y poesía, se basa en enunciados de Friedrich Nietzsche y Walter Benjamin. En Nietzsche se examina la contribución de los sentidos corporales al ejercicio del pensamiento, subvirtiendo la tradición idealista que otorga a un supuesto sustrato inmaterial, a veces llamado razón, la capacidad de reflexionar sobre lo esencial. Nietzsche sostiene, en este razonamiento, la posibilidad de la subjetividad carnal proponiendo una universalidad de lo absolutamente único, de ninguna manera generada por abstracciones ni concebida por un sujeto puro e incorpóreo, como postula el dualismo moderno. En Benjamin, la propuesta de aproximación entre lo singular y lo universal adquiere relevancia para observar cómo los fenómenos, agrupados en unidades significativas, pueden iluminar la experiencia. Finalmente, el análisis de los extractos textuales tiene en cuenta el papel de la rememoración como imperativo necesario para la articulación entre pasado y futuro,

posibilitando 'saber' la perspectiva, análoga a un mosaico de recuerdos, dispersos entre rasgos aparentemente inofensivos, como señalado por Marc Augé.

Palabras-Clave: Elizabeth Bishop. Brasil. Historia. Género. Arquitectura.

Abstract

This article examines the importance of place and body in the autobiographical narrative of Elizabeth Bishop (1911-1979). The selection of texts evokes the years of relationship with Maria Carlota [Lota] de Macedo Soares (1951-1967), without necessarily following a chronological order. In this premise, reflections on history, gender and architecture are seen as contributions to the affirmation of a creative existence, attentive to the impasses and potentialities of its time. In this cut, more affective and less committed to linear chronology, we intend to investigate the affirmation of an existence necessarily related to the place of dwelling. The analysis of the extracts, between letters, prose and poetry, is based on statements by Friedrich Nietzsche and Walter Benjamin. In Nietzsche, the contribution of the bodily senses to the exercise of thinking is examined, subverting the idealist tradition that has given to an alleged intangible substratum, sometimes called reason, the ability to reflect on the essential. Nietzsche maintains in this reasoning the possibility of carnal subjectivity to propose a universality of the absolutely singular, in no way generated by abstractions, nor even conceived by a pure and disembodied subject, as postulated by modern dualism. In Benjamin, the proposal of approximation between the singular and the universal gains relevance to observe how phenomena, grouped in meaningful units, can illuminate the experience. In both authors, the analysis of textual extracts considers the role of recall as a necessary imperative to the articulation between past and future, making possible a perspective 'knowing', analogous to a mosaic of memories dispersed between apparently harmless traits, as pointed out by Marc Augé.

Keywords: Elizabeth Bishop. Brazil. History. Gender. Architecture.

INTRODUÇÃO

No meio acadêmico brasileiro, muito se escreveu a respeito de Elizabeth Bishop (1911-1979). Sobre questões de linguagem (Batista 2010; Matte 2006), processos de criação (Anastácio 1999; Przybycien 2015), questões de gênero e identidade (Morales 2010; Nogueira 2005) e estudos pós-coloniais (Barbosa 2010; Ferreira 2008; Costa, 2013; Silva 2015). Em contrapartida, poucos trabalhos centram-se na investigação das contribuições da poeta nos campos relacionados ao território, ao lugar e ao ambiente construído (Lordello 2015; Vieira 2016).

O presente artigo¹ lança considerações acerca de história, gênero e arquitetura, tendo como objeto de estudo a análise de cartas, contos e poemas. Por meio desse peculiar enfoque, torna-se imperativo investigar de que modo a escrita de Bishop pode eventualmente contribuir para a revisão das narrativas consolidadas pela historiografia hegemônica, especialmente nos campos da Arquitetura e do Urbanismo.

¹ Parte das reflexões deste artigo foram apresentadas na Sessão Temática “Gênero, História e Arquitetura”, coordenada pelos professores José Tavares Correia de Lira e Silvana Rubino no 56º Congresso Internacional de Americanistas, realizado em Salamanca, Espanha, em julho de 2018.

Não se pretende aqui reconhecer alinhamentos a qualquer discurso afirmativo-identitário; nem tampouco indicar filiações a certos modelos historiográficos; e nem muito menos a defesa de qualquer teoria de lugar e espaço. Não se trata de encontrar rótulos para as digressões da poeta, classificando o seu pensamento dentro de tal ou qual corrente. Bishop procurou se esquivar de polêmicas relacionadas à sua própria sexualidade e nunca buscou fundamentar academicamente a sua produção literária.

Mas nem por isso deixou de estabelecer conexões com pensadores de tempos e interesses diversos. Assim procedendo, esta comunicação pretende ressaltar, em Bishop, a construção de narrativas relacionadas ao território, lugar e ambiente construído. A seleção dos extratos textuais será orientada pela evocação do Brasil, e mais particularmente, pelos locais de moradia compartilhados no Rio de Janeiro e em Petrópolis, entre 1951 e 1967, com a carioca Maria Carlota Costallat de Macedo Soares (1910-1967), mais conhecida como Lota.

A análise dos fragmentos será norteadada por enunciações de Friedrich Nietzsche e Walter Benjamin. Em Nietzsche, cumpre examinar a contribuição dos sentidos corporais para o exercício do pensar, subvertendo a tradição idealista que concedeu a um pretense substrato imaterial, por vezes denominado razão, a capacidade de abordar o essencial. Nietzsche sustenta, neste raciocínio, a possibilidade da subjetividade carnal propor uma universalidade do absolutamente singular, de nenhum modo gerada por abstrações e nem tampouco concebida por um sujeito puro e desencarnado, tal como postulado pelo dualismo moderno.

Em Benjamin, a aproximação entre o singular e o universal reveste-se de particular relevância para se observar de que maneira os fenômenos, agrupados em unidades significativas, podem iluminar a experiência. Em ambos os autores, a análise levará em consideração o papel da rememoração como um imperativo necessário à articulação entre passado e futuro, tornando possível um 'conhecer' perspectivo, análogo a um mosaico de imagens, construído a partir de um jogo de forças, na acepção postulada por Nietzsche, ou a partir de elementos negligenciados do cotidiano, conforme defende Benjamin.

HISTÓRIA

Seria infundada e provavelmente infrutífera a tarefa de se reconhecer, na obra de Elizabeth Bishop, a defesa de qualquer vertente historiográfica. A poeta, graduada em 1934 em Língua e Literatura Inglesa pela *Vassar College*, em Poughkeepsie, Nova York, não empreendeu esforços para estreitar relações com teóricos desse campo do conhecimento. Mas nem por isso deixou de se interessar por acontecimentos de grande repercussão ou relatos de questões frequentemente negligenciadas pela historiografia. Em ambos os casos, sua análise é deliberadamente autoral, assumidamente parcial e ideologicamente controversa.

Durante os anos de relacionamento com Lota, Bishop acompanhou a deposição de Getúlio Vargas, a ascensão de Juscelino Kubistchek e a queda de João Goulart. Compartilhou as agruras da companheira durante os trabalhos de construção do Parque do Flamengo, no início da década de 1960. Sedimentou um olhar inquieto sobre o Brasil, alternando-se entre o fascínio pela paisagem natural e uma certa repulsa pelo ambiente urbano, admiração pela afetuosidade das pessoas e desprezo pelo provincianismo da intelectualidade local. Preocupou-se em diferenciar o tom de sua escrita de acordo com o alcance de cada texto. Diante de cada desafio, não poupava esforços a fim de tornar a sua mensagem impactante.

Na intensa correspondência mantida com amigos, especialmente compatriotas, Bishop expressava-se de modo mais divertido e espontâneo. Por vezes assumia um tom soberbo e preconceituoso, pressentindo a iminente publicação de sua correspondência em antologias, tornando pública a sua intimidade. Em prosa, mostrava-se mais distante e calculada, temendo repercussões negativas. Na poesia, trabalhava à exaustão até encontrar a métrica exata, a sonoridade perfeita, a palavra mais apropriada. Não raro, transcrevia em versos cenas do seu cotidiano, colocando-se em diferentes papéis, reportando-se ora como sujeito da ação, ora como personagem.

Em qualquer gênero literário, sua narrativa não aponta verdades absolutas ou inquestionáveis. Preocupa-se, sobretudo, em saborear o colorido das cenas, revelando detalhes que o discurso, oficial ou dominante, menospreza ou ignora. Com

base nessas práticas, talvez seja possível sustentar uma sólida interlocução com o conceito benjaminiano de História, ou, para ser mais preciso, com os métodos empregados pelo narrador sucateiro (*Lumpensammlerque*) que constrói suas imagens a partir de restos e rebotalhos. Tal narrativa não objetiva reunir grandes feitos, mas tão somente rememora um “tempo de agora” (*Jetztzeit*) capaz de convocar o passado e vislumbrar o futuro.

A elaboração de cartas, em Bishop, constitui um precioso recurso para o exercício da narrativa. Por esse motivo, são aqui investigadas na qualidade de “escrita de si”, isto é, como um instrumento de reflexão acerca do emissor e do destinatário. Nessa dupla interlocução, o estudo da escrita em primeira pessoa alcança um novo estatuto, transformando-se em memória material das coisas lidas, ouvidas ou pensadas, como um tesouro acumulado para se reler e meditar. Na acepção de Foucault, (1992), tais documentos, vistos como *hypomnemata*, constituem a matéria-prima para a redação de tratados mais sistemáticos, nos quais são apresentados argumentos e meios para se investigar uma dada realidade.

A correspondência de Bishop evoca uma dimensão supra-individual a partir de um testemunho particular, capaz de lançar novas percepções de um recorte emblemático do Brasil nas décadas de 1950 e 1960. A análise das cartas mostra que a escritora nunca hesitou em expressar seu posicionamento ideológico: “Só frequento círculos muito antivarguistas”² (Carta a Kit e Ilse Barker em agosto de 1953. In: BISHOP, 2012, p. 289), o que equivale a assumir um tom decididamente conservador e por diversas vezes ambivalente:

Preciso decidir que atitude vou assumir em relação ao país se vou ficar morando aqui para sempre. Como país, acho que o Brasil *não tem saída* – não é trágico como o México, não, mas apenas letárgico, egoísta, meio autocomplacente, meio maluco. [...] Os poucos homens honestos e inteligentes de quem a gente ouve falar [...] foram, ao que parece, como cometas – mas são mesmo muito poucos. (Carta a Pearl Kazin em fevereiro de 1954. In: BISHOP, 2012, p. 307).

² Todas as traduções usadas neste texto, salvo indicação, são de autoria de Paulo Henriques Britto.

Em diversas ocasiões, não se furtou a debochar do país de um modo sarcástico: “É engraçado como nesse país subdesenvolvido e ao mesmo tempo decadente a gente se sente muito mais perto do passado do que nos Estados Unidos”. O tom mordaz também se reverbera na análise feita a respeito do Rio de Janeiro: “tudo é muito malfeito, sem acabamento” (Carta a Kit e Ilse Barker em abril de 1953. In: BISHOP, 2012, p. 267), pelo aspecto geral da cidade: “todas as multidões, ônibus, bondes, lojas, cozinhas são tão sujos, escuros, sebosos!” (Carta a Joseph e U.T. Summers em novembro de 1957. In: BISHOP, 2012, p. 363) e pelo provincianismo do meio artístico e intelectual:

[...] para mim é muito estranho viver num país onde a classe dominante e a classe intelectual são tão pequenas e todo mundo se conhece e normalmente um é parente do outro. Sem dúvida alguma, isto também é ruim para as ‘artes’ - é fácil fazer fama e deitar na cama, sem nunca ter que competir com ninguém. Mas tudo isso é porque aqui NÃO EXISTE CLASSE MÉDIA. (Carta a Kit e Ilse Baker em agosto de 1953. In: BISHOP, 2012, p. 289).

De todo modo, Bishop nunca ficou incólume às condições de vida das camadas socialmente desfavorecidas. Em diversas cartas, teceu duras críticas às elites locais:

Os rapazes brasileiros são muito diferentes dos americanos, sem dúvida – amantes dos 14 anos em diante, mais ou menos. Eles sabem tudo de *l’amour*, mas não têm a menor ideia de como fazer a cama. Ou limpar os sapatos, ou de como ganhar dinheiro – ou quanto custa viver – ou como é a vida real da sua empregada. De fato, eles nem veem a classe pobre como gente³. (Carta a Robert Lowell em maio de 1963. In: BISHOP, 1963, apud FRIAS FILHO, 2006, p. 48).

Malgrado o conservadorismo e incompreensão que pontuavam suas apreciações políticas, Bishop costumava exaltar o bom humor dos brasileiros diante de situações adversas. Além disso, seus escritos revelam um profundo encantamento com as tradições populares, em especial o carnaval e outras manifestações culturais de matriz africana, mesmo que, por vezes, seja possível reconhecer uma infundada nostalgia em sua narrativa. Um exemplo:

Aqui no Brasil, acho que as pessoas são mais realistas com relação à vida, morte, matrimônio, os sexos etc. – apesar de abusarem da

3 Tradução de Otávio Frias Filho.

retórica sentimental quando fazem discursos e escrevem. Não obstante, é um país onde a gente se sente de algum modo mais perto da verdadeira vida, a de antigamente. E realmente aqui as pessoas amam as crianças mais do que em qualquer outro lugar. [...] As pessoas nos lugarejos pobres são absolutamente naturais, e de uma polidez e educação extraordinárias. [...] Recolho cada migalha com muito prazer, e gostaria de colocar essas coisas nos meus poemas, também. (Carta a Randall Jarrell em março de 1965. In: BISHOP, 2012, p. 476).

Em contraposição à intensa produção de cartas, Bishop concluiu apenas 101 poemas. Neles trabalhou à exaustão até encontrar a métrica exata, a sonoridade perfeita, a palavra mais apropriada. Não raro, transcrevia em versos imagens do seu cotidiano, colocando-se em diferentes papéis dentro das cenas, ora como sujeito da ação, ora como personagem. Com bastante frequência, sua narrativa não se fixava em um tempo linear ou cronológico, evocando acontecimentos de momentos distintos, sem necessariamente ater-se às suas próprias vivências. “É preciso haver a conjunção de uma infinidade de coisas – livros esquecidos, ou quase esquecidos, os sonhos da noite passada, experiências de outrora e de agora – para fazer um poema”. (Carta a Jerome Mazzaro em abril de 1978. In: BISHOP, 2012, p. 682).

Esse parece ser o caso de “Questões de Viagem”. Nele, exalta-se a exuberância da paisagem tropical – “[...] há um excesso de cascatas” – mesclada a uma sensação de fugacidade – “[...] os rios correm depressa demais” – possivelmente em alusão à sua própria condição de forasteira e viajante compulsiva: “Que infantilidade nos impele, enquanto houver um sopro de vida/ no corpo, a partir decididos a ver/ o sol nascendo do outro lado? O menor beija-flor verde do mundo?” Bishop parece não encontrar respostas para nenhuma dessas questões. Nem sabe onde deveria estar: “Aqui, ali... Não. Teria sido melhor ficar em casa,/ onde quer que isso seja?”. O poema, enfim, pode ser visto como uma elegia ao desprendimento. Ou como uma desesperada tentativa para encontrar um lugar no mundo. (BISHOP, 1999, p. 64-69).

O poema “Ida à Padaria”, Bishop constrói uma peculiar associação entre uma ação corriqueira e prazerosa – comprar pão – e a banalização de um sentimento inaceitável – a desigualdade social. Os confeitos da padaria, na descrição da poeta, assumem a feição de “[...] pacientes de febre amarela/ amontados na enfermaria”. A

aparência “doentia” do padeiro tampouco oferece alento. No caminho de volta à sua residência, no bairro carioca do Leme, Bishop se depara com uma prostituta “ainda menina” e com um pedinte negro “[...] com um bafo de cachaça/ potente feito uma bazuca”. A presença de ambos desperta uma sensação de impotência: não há o que se possa dizer além de um simples “boa noite”, dito “por força do hábito”. Mais uma vez o poema se encerra com uma indagação: “Não haveria uma palavra/ mais relevante para lhe dar?”. (BISHOP, 1999, p. 148-153).

Ainda que se constate as facetas de um discurso colonizador nos comentários da estadunidense, conforme assinala Silva (2015), os dissabores descritos nos poemas “Questões de Viagem” e “Ida à Padaria” estabelecem uma improvável interlocução com uma famosa proposição da seção N1a, 8 do *Livro das Passagens*, de Walter Benjamin (2007, p. 502): “Não tenho nada para dizer. Apenas para mostrar. Não surrupiarei coisas valiosas [...]. Porém, os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los, e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: usando-os.” Em outras palavras, talvez seja plausível examinar, em Bishop, a construção de uma narrativa que faz emergir uma representação, no sentido benjaminiano, apta a estimular uma “propedêutica mediadora do conhecimento”.

Cabe aqui sublinhar, parafraseando Barrento (2013, p. 94), que Benjamin apresenta uma humanização que torna a cidade a morada possível do homem moderno e também o seu inferno, lugar de tipos humanos “heroicos” (a prostituta, o *flaneur*, a lésbica, o delinquente) que lutam contra a massificação e a mercantilização. Por esse viés, pode-se inferir que os aportes benjaminianos contribuem para a leitura da obra poética de Bishop, na medida em que fundamentam, a despeito de todas as diferenças, um elo comum interpretativo, no qual a narrativa não fornece respostas para os dilemas da humanidade, mas tão somente apresenta recortes do cotidiano.

A leitura da cidade por meio de imagens formadas no limiar entre o consciente e o inconsciente faz emergir a mentalidade de uma época. Benjamin, enquanto historiógrafo, parte da superfície, da epiderme de sua época, para estudar o que Bolle (1994, p. 42-43) entende como *fisiognomia* das cidades, isto é, sua feição e aparência. No entender do filósofo, o conceito de *fisiognomia* se configura na cultura

do cotidiano, a partir de imagens do desejo e fantasmagorias, resíduos e materiais aparentemente insignificantes. Decifrar as imagens e expressá-las em imagens “dialéticas” constitui, para Benjamin, e quiçá, para Bishop, possibilidade de produção de conhecimento sobre História.

GÊNERO

Conforme menção anterior, dificilmente se reconhece, em Bishop, a defesa de um discurso afirmativo-identitário, nem muito menos vinculações com o movimento feminista de qualquer vertente. Em diversas situações, a escritora mostrou-se avessa a associações feitas a questões de gênero, muito embora sua obra reverbere, nas entrelinhas, uma condição de existência bastante peculiar – uma mulher lésbica que vislumbrou, aos 40 anos de idade, possibilidade de se afirmar afetivamente em um país estrangeiro, por vezes denominado “autocomplacente”, “letárgico” ou “maluco”, por vezes considerado “[...] sob certos aspectos, [...] maravilhoso”. (Carta a Anny Baumann em julho de 1952. In: BISHOP, 2012, p. 245).

Nádia Nogueira (2005, p. 175) assinala que a poeta encontrou no Brasil oportunidade para emancipar-se, irrompendo uma subjetividade mais autônoma, se comparada “[...] aos rígidos padrões nos quais esteve inserida anteriormente”. Sílvia Moraes (2010, p. 115), por sua vez, ressalva que a construção consciente de si mesma não prescindiu de uma reavaliação de modelos identitários. Por esse motivo, Bishop, “[...] como mulher, recusava-se a ser confinada dentro das fronteiras entre os gêneros”.

A escritora acreditava ser impossível equacionar as motivações do seu trabalho a partir de determinismos excludentes, nem muito menos classificar qualquer produção artística a partir de um nominalismo esquematizante e vazio de significados. Exatamente em decorrência de tal posicionamento, não admitia ser vista como poetisa: era simplesmente poeta, uma vez que a sensibilidade poética, no seu entender, não se vincula a um sexo predeterminado. A recepção de sua obra, por vezes considerada “preciosa”, por vezes demasiadamente “fria”, era tema frequente de suas reflexões:

Por causa da minha época, do meu sexo, situação, educação etc., o que eu escrevi, até agora, é um tipo de poesia que me parece um tanto 'preciosa', embora eu seja totalmente contra o preciosismo. A gente gostaria que as coisas fossem diferentes, que fosse possível começar de novo. [...] Minha visão é pessimista. A meu ver, continuamos sendo bárbaros, bárbaros que cometem centenas de indecências e crueldades a cada dia de nossas vidas, como talvez as pessoas do futuro consigam perceber. Mas acho que devemos ser alegres apesar disso, às vezes até mesmo impetuosos, para tornar a vida suportável e nos mantermos 'novos, tenros, vivos'. (Carta a Anne Stevenson em janeiro de 1964. In: BISHOP, 2014, p. 290).

Se por um lado é possível compreender as motivações de sua insatisfação em relação ao esforço de classificação de sua gênese criativa, por outro podem ser localizadas, em fragmentos de cartas, declarações contraditórias ao seu próprio posicionamento como artista, mulher e homossexual: “[...] teria provavelmente escrito mais se tivesse nascido homem. Teria ousado mais.” (BISHOP, 1978 apud ANASTÁCIO, 1999, p. 90) Tal depoimento, prestado um ano antes de sua morte, não enfraquece a potência de seus registros: ao contrário, denota os embates para o reconhecimento de direitos que na atualidade são celebrados em algumas conquistas jurídicas e negligenciados em inumeráveis vezes do dia a dia.

Nem mesmo com amigos mais íntimos – a exemplo da sua antiga terapeuta, Anny Baumann, além de Arthur Gold e Robert Fizdale, Ashley Brown, Ilse e Kit Barker, James Merrill, Marianne Moore, Pearl Kazin e Robert Lowell – Bishop evitava expor o seu relacionamento amoroso. Na prosa e poesia, lançou esporadicamente considerações acerca da questão feminina e temas relacionados à homossexualidade. Bishop não gostava de participar de rodas de leitura e preferia se manter reclusa na região serrana fluminense. Por meio da escrita se conectava com o mundo, sem se esquivar de qualquer assunto, desde que considerasse importante.

Ao se investigar sua correspondência pessoal, a situação da mulher na sociedade brasileira é discutida em diversos escritos que abordam a construção de sua residência, em Petrópolis, e nas ponderações feitas durante a implantação do Parque do Flamengo. Em ambas as circunstâncias, seu olhar se fixa na difícil interlocução de Lota com os seus subordinados, apresentando um relevante testemunho dos

embates em prol da afirmação da mulher fora do espaço doméstico, contrariando os padrões consagrados pela heteronormatividade.

Cabe aqui sublinhar sutis diferenças entre as duas situações: na primeira, a narrativa de Bishop descreve as dificuldades de entendimento entre Lota e operários iletrados durante a execução de sua residência, possivelmente motivados pelo caráter inovador das soluções construtivas: “foi só quando ela [Lota] disse a eles [operários] que ia ficar igual a uma construção carnavalesca [a estrutura da cobertura] que eles puseram mãos à obra – gostaram da ideia”. (Carta a Anny Baumann em dezembro de 1952. In: BISHOP, 2012, p. 259). Em outro episódio, a construção de uma estufa desenhada por Lota foi intermediada pela escritora, que precisou jurar ter morado no Canadá e entender “muito de estufas” para conseguir convencer o funcionário a refazer o serviço, conforme as indicações do projeto. (Carta a Pearl Kazin em julho de 1953. In: BISHOP, 2012, p. 280).

Em relação aos embates travados durante a implantação do Parque do Flamengo a questão se mostra mais complexa, na medida em que o confronto se firma entre pares de igual condição social e formação intelectual. Em uma impressionante sequência de cartas, enviadas a diferentes interlocutores, Bishop descreve as dificuldades para Lota comandar uma grande equipe de profissionais, quase todos homens, apesar de ter sido designada para tal encargo pelo governador da Guanabara:

O cargo dela é ‘coordenadora-chefe’ [...] Alguns dos melhores arquitetos estão trabalhando com ela, e também o Burle Marx, que é o melhor paisagista tropical que há, a meu ver. [...] Além disso, e infelizmente, existem os departamentos de Parques e Jardins e de Transporte, e gerais de brigada, e muitos, mas muito burocratas inertes que é preciso enfrentar e ciúmes, e politicagens, e mais a Situação da Mulher aqui! (Carta a Anny Baumann em maio de 1961. In: BISHOP, 2012, p. 433).

Dois outros relatos ilustram de maneira exemplar a questão do apagamento feminino, por imposição de relações de poder estruturadas em termos patriarcais e androcêntricos: nas gravações de um programa de televisão, alusivo às obras do Parque, “Lota recusou-se a aparecer”, possivelmente por timidez, ou mais provavelmente, por temer se expor para grandes audiências. Em seu lugar, sentenciamos

Bishop, o “doutor Peixoto [...] falou até não poder mais”. (Carta a Anny Baumann em outubro de 1964. In: BISHOP, 2012, p. 470) Em outra ocasião, quando da inauguração dos campos de aerodelismo, Lota mais uma vez preferiu se calar diante da multidão, sendo “arrastada para debaixo dos refletores” para ganhar “um monte de rosas murchas”. (Carta a Robert Lowell em agosto de 1963. In: BISHOP, 2012, p. 458).

Um outro modo de se denunciar, pelo viés onírico, o problemático lugar da mulher em uma sociedade machista, pode ser reconhecido em “Cadela Rosada”, título de um poema particularmente emblemático às questões enunciadas neste tópico. Bishop nele se apresenta ora como narradora, ora como personagem da cena, criando uma calculada ambivalência entre a tonalidade de sua pele e a aparência de uma cadela sarnenta, que vagueia sem rumo pela cidade sob o sol escaldante do verão: “Quem a vê até troca de calçada”. (BISHOP, 1999, p. 154-157).

Apesar de doente, seu olhar é “são e esperto”. As mamas, cheias de leite, sugerem a existência de filhotes não mencionados na narrativa: “Em que favela/ você os escondeu, em que ruela,/pra viver sua vida de cadela?” A cadela não é, portanto, apenas uma fêmea doente, mas uma ameaça que perambula sozinha pelo espaço público, sem dar a necessária atenção à sua cria. A cadela (bitch) sem pêlos (naked) é também a prostituta a quem se deve expressar escárnio, ou uma presa fácil do Comando Vermelho, grupo de extermínio que pretendia “higienizar” o Rio de Janeiro no início dos anos 1960, lançando indigentes no rio da Guarda: “Você não sabia? Deu no jornal:/ pra resolver o problema social,/ estão jogando os mendigos num canal”. (BISHOP, 1999, p. 154-157).

“Cadela rosada” é também um poema metaforicamente alusivo à condição feminina na sociedade brasileira, vítima frágil e debilitada, ao mesmo tempo considerada indolente e irresponsável, mãe e prostituta, a quem se sente repulsa ou talvez comiseração. É a mulher pobre, sozinha e sem um lar estruturado, que precisa recorrer a todos os meios para não sucumbir diante da doença ou da fome – ainda que se disfarce por detrás de uma fantasia, pois como se sugere, “Não dá pra você ficar por aí à/ toa com essa cara. Você devia/ pôr uma máscara qualquer. Que tal?/

Até quarta-feira, é Carnaval!/ Dance um samba! Abaixo o baixo-astral!” (BISHOP, 1999, p. 154-157).

ARQUITETURA

Bishop nunca exerceu atividade como crítica profissional na área, mas expressou considerações a respeito do tema em algumas ocasiões. A primeira delas corresponde à tradução da introdução e dos comentários técnicos de *Modern Architecture in Brazil* (1956), considerado um dos primeiros compêndios centrados na produção arquitetônica moderna brasileira. Não obstante o fato de trabalhar em parceria com Henrique Mindlin, autor da publicação, Bishop confidenciou, em carta endereçada à crítica Anne Stevenson, em 1964, não ter ficado satisfeita com o resultado: “tentei melhorar a introdução que o autor escreveu, mas não tive muito sucesso”. (Carta a Anne Stevenson em janeiro de 1964. In: BISHOP, 2014, p. 282).



Figuras 1 e 2. Capas dos livros *Modern Architecture in Brazil*, de Henrique Mindlin (1956), e *Brazil* (edição inglesa, 1963).

Em 1961, aceitou o desafio de escrever um livro por solicitação da editora americana Time-Life para a coleção *Life World Library*. Dividido em dez capítulos, *Brazil* aborda um variado leque de assuntos, abrangendo temas culturais, geográficos, históricos, políticos e sociais. A discussão focada em arquitetura compõe o cerne das

problematizações sobre Brasília e um importante ponto de reflexão de uma seção dedicada às artes. Ao contrário do que se poderia supor, a publicação não concretizou o desejo da poeta em reunir suas anotações de viagem, suas ponderações e especulações mais sensíveis.

Bishop de imediato repudiou o resultado de supressões e enxertos de toda ordem, que transformou a publicação em uma espécie de manual direcionado a curiosos; um panfleto em capa dura que se distribuiu gratuitamente para se angariar dividendos políticos. Na avaliação da autora:

O livro *Brazil* é mesmo um horror; tem algumas frases que simplesmente não fazem sentido. E pelo menos as fotos podiam ser boas. Se você se der ao trabalho de ler o livro, é possível que encontre aqui e ali algum vestígio do que eu pretendia dizer originariamente. (Carta a Robert Lowell em abril de 1962. In: BISHOP, 2012, p. 443).

Mesmo que se leve em conta as divergências entre a autora e os editores da revista, a publicação não se diferencia das narrativas consolidadas acerca dos processos de afirmação do Movimento Moderno no Brasil. Caso tivesse retomado a análise de Brasília, inscrita no texto “Uma nova capital, Aldous Huxley e alguns índios”, Bishop teria prestado uma interessante contraposição ao discurso hegemônico. Escrito após a realização de uma expedição organizada pelo Ministério das Relações Exteriores, em 1958, o ensaio se constrói a partir dos contrastes entre um encontro com os índios iaualapitis, no Posto Capitão Vasconcelos, e uma visita guiada aos principais edifícios em construção na nova capital.

Em um dos segmentos do mencionado ensaio, Bishop apresenta uma breve contextualização das particularidades do assentamento indígena para então centrar-se na curiosidade aguçada dos nativos, e não nas considerações de Aldous Huxley. Tal estratégia, entretanto, parece resvalar em um tom de superioridade não condizente com os argumentos lançados ao longo do ensaio: “[...] as conversas com os índios, explicaram-me, têm o andamento de uma geleira. Uma narrativa simples pode se prolongar por horas, até mesmo por dias”. (BISHOP, 2014, p. 235).

Em outro extremo, a escritora discorre sobre a construção de Brasília, tentando imaginar o aspecto da cidade após a finalização das edificações do Plano Piloto.

Diante dos esqueletos do núcleo administrativo da cidade, Bishop prevê a supressão de todas as belezas naturais, excetuando-se o céu, sendo taxativa ao sentenciar: “Brasília é bem decepcionante”. (BISHOP, 2014, p. 209). Com ironia a narrativa se desloca para o Núcleo Bandeirante, mais conhecido como Cidade Livre, espécie de canteiro de obras de 45 mil habitantes, composto por um amontoado de casas “[...] de todas as formas, tamanhos e cores”, construídas em ruas de terra sem calçadas. A rua principal oferecia toda a sorte de mercadorias, expostas em meio a “nuvens espessas de poeira” levantadas por um frenético transitar de caminhões, jipes, carros velhos e cavalos. (BISHOP, 2014, p. 224).

Mas o que se supunha provisório, adverte a escritora, poderia reproduzir as mesmas práticas de ocupação do território das grandes cidades brasileiras. Nesse sentido, Bishop compartilha o ceticismo das considerações dos “inimigos mais figadais de Brasília”, para quem a Cidade Livre nunca seria demolida, mas ao contrário, cresceria indefinidamente, para se tornar “[...] uma favela da futura cidade, tal como as que crescem de maneira espontânea e incontrolável em torno do Rio de Janeiro”. (BISHOP, 2014, p. 211).

A respeito dos projetos arquitetônicos assinados por Oscar Niemeyer, Bishop enaltece muitas das soluções plásticas, que conferem monumentalidade, graciosidade e leveza ao conjunto edificado. Em contrapartida, procura embasar criticamente seus comentários mais depreciativos, encontrando em Henry-Russel Hitchcock confirmação para as suas “suspeitas de amadora”. Isso se mostra particularmente evidente quando recorre a observações a respeito da Casa das Canoas, feitas pelo crítico, para emitir um parecer em relação ao desconforto das instalações do Palácio da Alvorada. Bishop considera inadmissível a solução dada aos “problemas práticos” em ambos os projetos, dispondo-os “embaixo, no subsolo, como uma dona de casa preguiçosa que enfia seus petrechos [sic] domésticos embaixo de uma cama enganosamente bem arrumada”. (BISHOP, 2014, p. 221-222).

Relativamente aos locais de moradia compartilhados com Lota, Bishop nunca escondeu sua preferência pela residência de Petrópolis, não apenas em consideração ao projeto arquitetônico, assinado por Sérgio Bernardes, mas principalmente pela

integração com a paisagem envoltória. Ainda assim, a poeta admirava a cobertura no bairro carioca do Leme, dotada de um grande terraço, desde onde era possível descortinar uma agradável vista da orla, com navios cruzando o mar “[...] o tempo todo, como alvos num tiro ao alvo” e casais de namorados circulando nas calçadas em mosaico, projetando “sombras compridíssimas sobre a areia suja”. (Carta a Robert Lowell em outubro de 1958. In: BISHOP, 2012, p. 393).

A residência serrana era mais prontamente identificada como o lar da poeta: ali se construiu o seu refúgio, no sentido literal e figurado do termo; ali se estabeleceu uma conexão mais visceral com o clima e com a natureza, incluindo-se os elementos animais, vegetais e minerais:

Sim, onde eu moro é tão bonito quanto uma selva de Rousseau, mas bem menos exuberante e mais inóspito, a uns oitenta quilômetros do Rio, e muito mais perpendicular. Como o Pão de Açúcar na baía de Guanabara, só que são muitos deles, muito maiores, longe do mar – com nuvens despencando dos cumes às vezes, e cascatas que surgem e somem dependendo das condições meteorológicas [...]. As coisas aqui também são um tanto fora de escala, como num quadro de Rousseau – ou, pelo menos, fora da nossa escala. A ‘Samambaia’ mencionada no cabeçalho [da carta] é uma samambaia gigantesca, do tamanho de uma árvore, e tem também sapos do tamanho de um chapéu, e caracóis do tamanho de pratos de sobremesa, e neste mês borboletas da cor desta página, algumas quase do tamanho dela, a esvoaçar... Juntamente com a ‘quaresma’ [em port.], árvores de um roxo melancólico, a combinação de cores é maravilhosa – talvez um pouco excessiva em março. (Carta a James Merrill em março de 1955. In: BISHOP, 2012, p. 320).

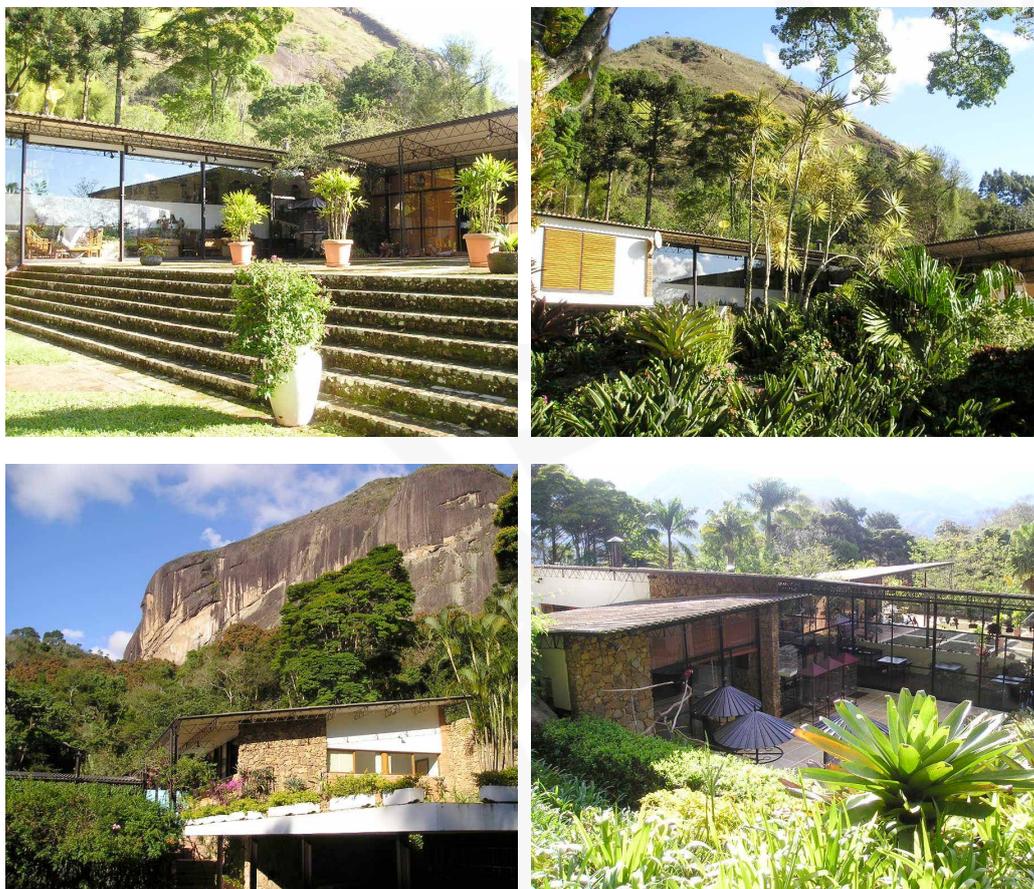
“Canção do tempo das chuvas” é o nome de um poema que entoa a atmosfera da selva de Rousseau registrada em cartas. Nele se vislumbram fragmentos de um cotidiano idílico, carregado de imagens fortemente impregnadas de uma delicada sensualidade: “[...] na névoa, na nuvem”, uma casa oculta e aberta, “onde pousam corujas/ e brotam bromélias/ negras de sangue, líquens”. No refúgio incrustado no alto da montanha, “[...] à noite, no telhado,/ gotas cegam escorrem”, enquanto uma coruja “[...] bate o pé e decola/ atrás das rãs gordas, que / coaxam de amor/ em plena cópula”. (BISHOP, 1999, p. 94-99).

Em meio ao vapor que se eleva e envolve “[...] rocha e casa/ numa nuvem só nossa”, Bishop viveu os seus dias mais felizes, libertou-se temporariamente dos efeitos da bebida e se entregou ao ócio. Em um pequeno estúdio desenhado pela companheira, produziu grande parte dos seus escritos, desfrutando a companhia de cachorros, do tucano Sammy e do gato Tobias:

Passei por uma transformação milagrosa, quanto à bebida e quanto ao trabalho. Pensando bem, não é um milagre nenhum – é quase exclusivamente fruto do bom senso e da bondade de Lota. Continuo tendo a sensação [de] que morri e fui para o céu sem merecer, mas já estou me acostumando um pouco com a ideia. (Carta a Anny Baumann em setembro de 1952. In: BISHOP, 2012, p. 250).

Em uma casa aberta para o céu, Bishop respeitou os limites e as vontades de um corpo que pensa e deseja, liberta das amarras de qualquer convenção social. Nesse mergulho introspectivo, paradoxalmente feito de dentro para fora, o cenário deixou de ser um mero pano de fundo. A paisagem, a alimentação e o clima assumiram um importante papel para fundamentar suas proposições mais significativas, posto que interagiram com os instintos corporais mais elementares, afetando o humor e a atitude que se tem diante da própria vida – tal como Nietzsche propõe em *Ecce Homo*, ao questionar a possibilidade de se tornar quem se deseja ser.

Conforme salienta Barrenechea (2017, p. 61), o movimento vital dos corpos pode ser interpretado, em Nietzsche, como um permanente confronto de forças, em que a vontade de um corpo afeta e este corpo é afetado pelo caráter plural das forças que compõem a totalidade do universo. O filósofo alemão assim sustenta uma compreensão unitária e ao mesmo tempo plural do cosmo, concebendo-o como um processo vital, guiado pela dinâmica da vontade de potência – tal como parece ter sido exaltado pela poeta ao declarar o seu encanto pela natureza, sua paixão pela vida e o seu amor por Lota.



Figuras 3 a 6. Residência Lota Macedo Soares, Petrópolis, Rio de Janeiro. Projeto arquitetônico de Sérgio Bernardes, década de 1950. Fotos Helio Herbst, 2006.

REFERÊNCIAS

- ANASTÁCIO, Sílvia. *O jogo das imagens do universo da criação de Elizabeth Bishop*. São Paulo: Annablume, 1999.
- BARBOSA, Elisabete. *Identidades entrelaçadas: uma visita ao Brazil*, de Elizabeth Bishop. 2010. Dissertação de mestrado. Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2010.
- BARRENECHEA, Miguel. *Nietzsche e o corpo*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.
- BARRENTO, João. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

- BATISTA, Eduardo Luís Araújo de Oliveira. *Poética da representação cultural: relações entre literatura de viagem e tradução na história literária brasileira*. 2010. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens de Walter Benjamin*. Organização de Rolf Tiedemann, Willi Bolle e Olgária Chaim Feres. Tradução Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2007.
- BISHOP, Elizabeth. *Brazil*. London: The Sunday Times, 1963 [1962].
- _____. *Poemas do Brasil*. Seleção, introdução e tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Prosa*. Tradução e notas de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____. *Uma arte: as cartas de Elizabeth Bishop*. Tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOLLE, Willi. *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp, 1994.
- COSTA, Alex Santana. *A arte de (des)colonizar: retratos do Brasil em poemas e cartas de Elizabeth Bishop*. 2013. Dissertação de mestrado, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho, 2013.
- FERREIRA, Armando. *Recortes na paisagem: uma leitura de Brazil e outros textos de Elizabeth Bishop*. 2008. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: _____. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 1992, p. 129-160.
- FREIRE, Américo; OLIVEIRA, Lúcia (eds.). *Capítulos da memória do urbanismo carioca: depoimentos ao CPDOC/FGV*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- FRIAS FILHO, Otavio. Foi uma revolução rápida e bonita. *Piauí*, São Paulo, n. 36, 2009, p. 46-52.
- LORDELLO, Eliane. Paisagens epistolares. A paisagem na correspondência de Elizabeth Bishop. *Arquitextos*, São Paulo, ano 15, n. 178.04, 2015. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.178/5497>. Acesso em 13 nov. 2022.
- MATTE, Neusa da Silva. *One art, múltiplas formas: a tradução como mediação entre poesia e pintura na obra de Elizabeth Bishop*. 2006. Tese de doutorado. Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

- MORAES, Sílvia Maria Bahia. *Tradução e transculturação: a Amazônia de Elizabeth Bishop*. 2010. Dissertação de mestrado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- MORALES, Lucia Arrais. Lota de Macedo Soares e Elizabeth Bishop: projetos interrompidos. In: *Anais eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis: UFSC, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277920454_ARQUIVO_LotadeMacedoSoareseElizabethBishopprojetosinterrompidos.pdf. Acesso em 04 nov. 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução Antonio Carlos Braga. São Paulo: Escala, 2006.
- _____. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- NOGUEIRA, Nádia Cristina. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop: amores e desencontros no Rio dos Anos 1950-1960*. 2005. Tese de doutorado. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- PRZYBYCIEN, Regina. *Feijão preto e diamantes: o Brasil na obra de Elizabeth Bishop*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.
- SILVA, Tiago. O não-lugar em Elizabeth Bishop: espaço e descolonização de si. *Revista Mulheres e literatura*, Rio de Janeiro, v. 14, 2015, p. 1-6. Disponível em <http://litcult.net/category/mulheresrev/revista-mulheres-e-literatura-vol-14-1o-semester-2015/>. Acesso em 13 de nov. 2022.
- VIEIRA, Miriam de Paiva. *Dimensões da écfrase: a presença da pintura e da arquitetura em romances de artista*. 2016. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.